

JEREMIAS: ENTREGUISTA OU REALISTA? – Jeremias 38,14-28

Tércio Machado Siqueira

A finalidade deste estudo é analisar exegeticamente o texto de Jeremias 38, 14-28. Não é propósito enveredar pela discussão redacional do livro, mas ler essa perícopé à luz da história do seu tempo e estudar a posição político-teológica do profeta. Embora esse texto esteja colocado nos dias do reinado de Sedecias (597-587 aC), a compreensão desse período implica no conhecimento da obra completa de Jeremias.

1. O texto de Jeremias 38,14-28

Com Sedecias começou o momento mais crucial da história de Jerusalém. O rei sentia-se incapaz de buscar e encontrar uma solução para a tragédia iminente. Apesar do registro que Sedecias não deu ouvidos à palavra anunciada por Jeremias, no tempo devido (37,2), ele procura novamente o profeta.

A – A estrutura literária de Jr 38,14-28

A moldura desta perícopé (v. 14a e 26-28), elaborada pelo redator, mostra que o destaque do texto é o diálogo entre o rei Sedecias e o profeta Jeremias (v. 14b-26). A iniciativa dessa conversa pertence ao rei Sedecias, e esse detalhe é importante para a interpretação deste texto. O cerne do texto, que trata do diálogo entre o rei e o profeta, possui duas preocupações: a primeira parte (v. 14-23) fornece informações sobre o dilema de Sedecias: render-se à Babilônia ou desafiá-la? Enquanto isso, os v. 24-27 reafirmam o temor de Sedecias em tornar público o seu encontro com Jeremias. Em todo esse diálogo, Sedecias é o que toma a iniciativa de abrir (v. 14a) e fechar o diálogo (v. 24-27). Nas duas outras intervenções (v. 16 e 19), o rei faz juras de fidelidade e expõe os seus receios, caso ele venha mudar sua posição. Na outra ponta da mesa, Jeremias está inseguro quanto ao futuro de sua vida (v. 15), mas convicto de sua vocação profética e sobre a sorte de Jerusalém diante da Babilônia (v. 20-23 e 24-27).

2. Comentário

A perícopé 38,14-28 reporta o terceiro e último encontro de Sedecias com Jeremias. Outras reuniões aconteceram: a primeira delas o rei pede que o profeta interceda, junto a Javé, em favor do governo (37,3-10); a segunda reunião ocorreu de maneira secreta, no palácio, após Jeremias ter sido libertado da prisão (37,17-21). Nesse novo encontro, o rei tem um outro pedido ao profeta: “há uma palavra de Javé?” (v. 17). Na terceira reunião, o rei deseja colher informações sobre uma possível rendição aos babilônios. Esse último encontro mostra claramente que Sedecias estava indeciso quanto ao caminho a ser tomado.

A – Reportagem introdutória (v. 14a)

O v. 14a exerce um importante papel na avaliação do governo de Sedecias. Mais uma vez, o rei toma a iniciativa da palavra e mostra-se só e indeciso.

E o rei Sedecias enviou e tomou o profeta Jeremias
na terceira entrada da casa de Javé (v. 14a).

Tomar, agarrar – são verbos de ação que revelam o alto grau de determinação e de necessidade do rei falar com o profeta. Portanto, o interesse pelo encontro pertence ao rei. A localização desse encontro, na área do Templo, é desconhecida. Seria uma entrada privativa do rei? De qualquer forma, a opinião de Jeremias era importante para o rei, o que não constituía surpresa, pois o profeta era uma figura atuante e conhecida em toda a comunidade, por causa de sua posição firme diante da política assumida pela liderança de Jerusalém. Logicamente que Jeremias não era simpático aos líderes políticos e religiosos de Jerusalém, por sua firme posição contra a dominação egípcia. Essa liderança tinha se afastado das antigas tradições, criando novos parâmetros da fé, em torno do rei e da cidade de Jerusalém.

B – Diálogo em torno do dilema de Sedecias (v. 14b-26)

Para melhor entender a insistência de Sedecias em obter a palavra de Jeremias é preciso conhecer o processo político que vinha desenvolvendo desde o enfraquecimento político dos assírios no cenário da política internacional. Apesar da vitória dos babilônios sobre a Assíria (612 aC), a região de Canaã estava sob relativo domínio dos egípcios. O faraó Neco (610-595 aC) fortaleceu a sua posição, em Canaã, ao assassinar o rei Josias (640-609 aC). Ele instalou seu quartel-general em Rebla, uma localidade entre o Líbano e o Antilíbano, e passou a administrar toda a região Siro-cananita. Essa força administrativa se caracteriza quando Neco depõe Joacaz, um davidida instalado no governo de Judá pelo Povo da Terra (2Rs 23,30), e coloca, em seu lugar, seu irmão Eliacim. Como demonstração de força, ele muda o nome do rei-vassalo para Joaquim (608-598 aC). Além disso, Neco impôs uma pesada tabela de impostos sobre a debilitada população de Judá.

Apesar da ingerência dos egípcios, os babilônios entendiam que Judá e Jerusalém continuavam como seus vassalos. Na verdade, somente em 598 aC é que as tropas babilônicas puseram-se em marcha até Jerusalém, sitiando-a. Parece que Joaquim morreu durante o sítio. Para o seu posto foi colocado Joaquin (598 aC) que, após três meses, abriu os portões da cidade, evitando uma tragédia maior. Os babilônios foram duros, mas não saquearam a cidade e o Templo, porém levaram para a Babilônia as principais lideranças políticas de Jerusalém (2Rs 24,14-17). Para substituir no trono de Jerusalém, os babilônios colocaram Sedecias (598-587 aC) como rei ou administrador da massa falida deixada por seu irmão.

Portanto, a leitura e a interpretação de Jeremias 38,14-28 precisa conhecer a história desse período para entender a personalidade administrativa de Sedecias. Não basta tachá-lo de fraco, mas é preciso salientar que com o exílio dos principais líderes

israelitas, o novo rei ficou à mercê de políticos oportunistas, arrivistas, que não reuniam competência para enfrentar a difícil situação. É sobre esse tipo de gente que Jeremias levanta sua denúncia (38,22b).

1. *Primeiro ato do diálogo*: Sedecias quer informações secretas (v. 14b): Nesse e nos demais encontros, Sedecias é que abre o diálogo, demonstrando que ele estava envolvido em dúvidas quanto ao que deveria fazer.

E o rei disse a Jeremias:

“Eu quero te pedir uma palavra.

Não me ocultes uma palavra” (v. 14b).

É interessante notar que o rei escolheu como lugar de encontro uma das entradas do Templo de Jerusalém (38,14a), e não no palácio conforme o segundo encontro (37,17). Essa alternância pode guardar dois interesses: a de despistar e tentar esconder a fraqueza política do rei e, ao mesmo tempo, o de proteger Jeremias de novas agressões preparadas pelos membros da facção pró-Egito. Ambas possibilidades estavam corretas, porém, fica bastante claro que Sedecias temia pela ameaça colocada pelos cidadãos que já tinham sido capturados pelos babilônios (597 aC).

2. *A resposta de Jeremias é imediata* (v. 15): O profeta mostra todo o seu trauma em razão da violência dos guardas e dos príncipes que o fizeram prisioneiro num calabouço (37,11-16) e numa fétida cisterna (38,1-13).

E disse Jeremias a Sedecias:

“Se eu te relatar não me farás morrer?

E se eu te aviso, não me escutarás” (v. 15).

O profeta se mostra temeroso com o que vai falar, pois em sua memória estão vivos os acontecimentos reportados nos v. 4-5. A ameaça de morte passou a ser constante na vida do profeta. Provavelmente, nesse mesmo período, Jeremias pronunciou esse lamento: “Meu coração está quebrado dentro de mim, estremeceram todos os meus ossos... por causa de Javé e por causa de suas santas palavras” (23,9). O temor maior do profeta é a permissão dada aos príncipes para agirem contra o profeta (38,5). Tudo faz crer que Sedecias reinava, mas o governo, na verdade, estava nas mãos dos príncipes. Jeremias estava consciente disso.

3. *O rei jura confiabilidade a Jeremias* (v. 16): A situação política, em Jerusalém, se agravava. Os babilônios cercaram a cidade. Por outro lado, os príncipes de Jerusalém estavam determinados na defesa da cidade. O dilema do rei estava entre lutar contra os babilônios ou capitular. Sedecias tinha consciência que seu exército não tinha condições técnicas e humanas para enfrentar os inimigos. Ao mesmo tempo, ele raciocinava que a rendição representaria a ira dos príncipes e daqueles que já estavam nas mãos dos babilônios. A sua palavra de capitulação provocaria o desapontamento e a ira dessas pessoas, considerando-o traidor. Na sua debilidade, o rei queria uma garantia de vida para ele e para o povo, mas esse passo só pode vir com a legitimidade de Javé. Daí a sua insistência em falar com Jeremias.

E o rei Sedecias jurou a Jeremias, em segredo, dizendo:

“Por Javé vivo, que nos deu esta vida,

não te farei morrer,

e não te darei nas mãos desses homens que buscam a tua vida” (v. 16).

O que Sedecias queria era obter a legitimação de Javé para cumprir os seus intentos. Ele é insistente nesse objetivo, pois anteriormente ele tinha buscado secretamente o profeta e pedido uma palavra de Javé (37,17). Agora, ele volta a pedir uma palavra (v. 14). Diante do receio de morte, por parte do profeta, o rei faz um juramento de que Jeremias não será assassinado (v. 16a). O rei está preocupado com a segurança de Jeremias. No AT, o agir em segredo (Jó 13,10; Sl 101,5; Pr 25,23; 2Sm 12,12; Jr 40,15) pode ser qualificado como negativo ou positivo. Evidentemente que a atitude de Sedecias é positiva. O termo hebraico *seter* significa “esconderijo”, “abrigo”. Agregando a este substantivo *seter* a preposição *be*, temos a formação *basetrah*, “em segredo”. Definitivamente, esta expressão hebraica não perde o seu sentido original. Assim, Sedecias “jurou em segredo” para proteger a vida de Jeremias da sanha dos homens que o buscavam para matá-lo. Sedecias não é um ignorante da tradição. Ele faz uso correto dos termos que expressam a história da fé. Ao jurar pelo “Javé Vivo” ele está declarando, como o salmista (Sl 18,47-49), que Javé é Deus ativo, que intervém e liberta as pessoas de seus inimigos.

4. *Jeremias expõe sua proposta ao rei* (v. 17-18): O profeta inicia a sua exposição reafirmando que aquilo que ele diz vem de Javé. Esta é uma prática dos profetas que é conhecida como oráculo, isto é, uma comunicação divina, freqüentemente usando, como porta-voz, um sacerdote ou um profeta. Nesse texto, o oráculo foi insistente-mente solicitado por Sedecias. A resposta poderia ser um lacônico “sim” ou “não”, mas aqui é exigida do rei uma atitude.

E Jeremias disse a Sedecias:

“Assim diz Javé,

o Deus dos Exércitos,

o Deus de Israel:

Se realmente te entregares aos príncipes do rei da Babilônia,

e tua vida viverá,

e esta cidade não será incendiada no fogo, tu e tua família vivereis.

Mas se não te entregares aos príncipes dos reis da Babilônia,

esta cidade será entregue nas mãos dos caldeus,

e que a incendiarão no fogo,

e tu não escaparás das suas mãos” (v. 17-18).

A fórmula do mensageiro, “assim disse Javé”, possui dois desdobramentos que reforçam a legitimidade da palavra a ser comunicada. A convicção do profeta tem relação com essa fórmula. Os v. 17b-18 revelam toda a firmeza e determinação do profeta. Para Jeremias, não há saída: a rendição voluntária (v. 17b) ou a morte como consequência da insubmissão (v. 18). Assim, ao rei é oferecida a opção salvadora, isto é, a submissão à Babilônia. Não há outra alternativa de vida. Conforme o v. 2, a garantia da rendição é a vida para os moradores de Jerusalém, bem como a preservação da cidade. O anúncio da destruição de Jerusalém, pelo fogo (v. 17-18.23), representa muito mais do que uma prática normal dos conquistadores, mas também é visto como um meio de punição divina (Am 1,4.7.10.12.14; Jr 17,27; 49,27).

5. *Sedecias mostra as razões do seu receio* (v. 19): Somente na terceira intervenção é que o rei revela o porquê da sua insistência em falar com o profeta. O desenrolar da conversa vai esclarecendo a real intenção de Sedecias. Tudo leva a crer que o rei queria de Jeremias um oráculo divino (37,17; 38,14) que dissesse claramente que os babilônios se retirariam de Jerusalém, e não sua capitulação, como sugeria o profeta.

E o rei Sedecias disse a Jeremias:

“Eu sou aquele que teme os judeus que caíram (para) os caldeus,
a fim de que não me entreguem nas mãos deles,
e me tratem maldosamente” (v. 19).

Sedecias não está receptivo à palavra de Jeremias, e argumenta contra a proposta de capitulação. Ele é hábil na sua justificativa. Em vez de reunir os seus líderes e expor a proposta do profeta, ele foge dessa responsabilidade. Ele teme os príncipes de Jerusalém e os exilados. Na verdade, o seu governo estava dividido e os príncipes ganharam muita força nessa confusa situação. Para ele, a rendição poderia trazer a sua destruição, pois ele teria que enfrentar a ira dos príncipes que sustentavam uma política pró-Egito e, especialmente, os israelitas que foram exilados, em 598 aC. Na verdade, os seus receios estão voltados para a sua pessoa. A obediência à palavra de Javé não fazia parte de suas preocupações. Cabe aqui lembrar a advertência de Isaías para outro rei davidida, Acaz (736-716 aC): “se não creres (...) não permaneceris” (Is 7,9b). A lógica dessa afirmação é a razão que orienta o ensino bíblico: quem tem medo não crê em Javé ou quem tem medo desconfia, e quem desconfia está paralisado, não avança para a novidade de vida. O medo constitui-se em um empecilho para avançar para o novo que Javé propõe.

6. *Jeremias volta argumentar em favor da rendição* (v. 20-23): O profeta, em vista da esquiva do rei, insiste admoestá-lo a ouvir a palavra de Javé. É interessante perceber que Jeremias usa muito desse jeito de argumentar. Tudo faz crer que se trata de uma fórmula literária empregada pelos profetas para convencer os seus ouvintes ao arrependimento (conforme Jr 3,12-13.22; 4,1-4; 22,3-5; 25,5-6; 31,21-22; 35,15b). A estrutura desses oráculos consiste em um apelo (“ouve a voz de Javé...” – v. 20c) com a motivação (“não entregarão!” – v. 20b), seguida de uma promessa de salvação (“e tu irás bem e tua vida viverá” – v. 20d). Finalmente vem a ameaça (“se tu recusas... eis

que todas as mulheres...” – v. 21-22). Como se vê, a intervenção de Jeremias é um perfeito exemplo dessa forma de convocação ao arrependimento.

E disse Jeremias:

“Não entregarão!

Ouve a voz de Javé conforme eu te falei,

e tu irás bem,

e tua vida viverá.

Se te recusas a sair, esta é a palavra que Javé mostrou-me.

Eis que todas as mulheres que restam na casa do rei de Judá

serão levadas aos príncipes do rei da Babilônia. E elas dirão:

Eles te seduziram,

prevaleceram contra ti, homens de tua paz.

Teus pés estão afundados na lama.

Eles partiram.

E todas as tuas mulheres,

e teus filhos serão levados aos caldeus.

E tu não escaparás às suas mãos.

Eis que!

Nas mãos do rei da Babilônia serás capturado,

E esta cidade será incendiada no fogo” (v. 20-23).

Jeremias percebe que Sedecias estava definitivamente inclinado para o suicídio político. Para tanto, ele é “curto e grosso” em falar sobre a importância de optar pela rendição voluntária: “tu irás bem e tua vida viverá” (v. 20c). Esse anúncio de salvação vem da própria voz de Javé que o rei tem-se recusado ouvir (v. 20b). Em caso contrário, as conseqüências são trágicas. Novamente o profeta avisa ao rei que Javé tem apontado o caminho da rendição (v. 21). Nos v. 22-23, o profeta enumera as conseqüências em caso de não rendição: para as mulheres e seus filhos e para a cidade de Jerusalém. Enquanto Sedecias teme as conseqüências de uma rendição, ele não enxerga as conseqüências negativas de uma disputa militar contra os babilônios. O profeta prevê as mulheres do palácio, levadas para o cativeiro, entoando uma canção fúnebre e sarcástica. Jeremias mostra que essa alternativa representa o fim de uma geração.

7. *Sedecias reitera que a conversa é secreta* (v. 24-26): Diante da alternativa, oferecida pelo profeta Jeremias, o rei confirma o seu sentimento de medo. O encontro foi um fracasso, comparado somente à tragédia da destruição de Jerusalém. Essa última palavra do rei reitera sua incapacidade de mudar a história.

E Sedecias disse a Jeremias:

“Ninguém saberá essas palavras,
e não morrerás.

E se os príncipes ouvirem (que) eu falei contigo,

e vierem a ti,
e disserem a ti: ‘declara agora para nós o que disseste ao rei
não nos encubra.

E não te faremos morrer!’

Tu lhes dirás:

Lancei minha súplica diante do rei para que não fizesse voltar
à casa de Jônatas para ali morrer” (v. 24-26).

Sedecias continua se revelando medroso e politicamente incapaz. Ele tenta negociar com Jeremias uma saída honrosa. Anteriormente, o profeta tinha feito um pedido ao rei, para que não o deixasse voltar para a casa do escriba Jônatas (37,20). Em troca do sigilo do profeta, sobre o encontro, o rei garantia-lhe a vida. Em tese, cessaria, assim, todas as hostilidades contra Jeremias. Esse é um desenlace irônico, não somente para essa história particular, mas também para a tradição profética de Jeremias: a fim de não morrer, o profeta não deveria falar a verdade sobre o encontro. Para o caráter do profeta Jeremias, tal como o seu livro apresenta, essa solução parece duvidosa.

C – Reportagem conclusiva (v. 27-28)

O redator da história desse encontro fecha sua obra confirmando o que o rei decidiu.

E vieram todos os príncipes a Jeremias e o perguntaram. E ele declarou-lhes conforme

todas essas palavras que o rei ordenara. E eles o deixaram em paz, pois a conversa

não fora ouvida.

E sentou-se Jeremias no pátio da guarda até o dia que Jerusalém foi tomada. E ele

estava (ali) quando Jerusalém foi tomada (v. 27-28).

Sedecias recomenda que toda aquela conversa não deveria chegar aos ouvidos dos membros do partido pró-Egito. Caso alguma informação chegasse até eles, o rei propõe contar-lhe uma outra história, com o fim de encobrir a verdade. Os príncipes foram até Jeremias, mas a verdade não chegou até eles. O v. 28 é uma valiosa informação sobre o cerco de Jerusalém e o trágico evento de sua destruição.

Observações sobre o texto

Esta perícopé (Jr 38,14-28) fornece muitos elementos relevantes para entender, especialmente, as atuações de Jeremias e Sedecias.

A – A atuação política de Sedecias é freqüentemente avaliada como uma pessoa pusilânime, conforme Robert P. Carroll¹, e uma personalidade fraca, conforme William L. Holladay². Estes e outros adjetivos, avaliando negativamente a vida e obra do último rei de Judá, têm suficientes respaldos na Obra Historiográfica Deuteronomista (2Rs 24,18–25,30) e, especialmente, o livro de Jeremias. Todavia, seria interessante avaliar o outro lado da história de Sedecias.

Judá e Jerusalém estavam sob a mira de dois gananciosos governos: mercê de sua conquista, a Babilônia exercia o direito de vassalagem, à distância, porém o Egito controlava efetivamente a política em Jerusalém. Somente em 598 aC, os babilônios começaram a tomar pé da situação, entrando em Jerusalém e levando para o exílio a liderança política e religiosa de Jerusalém, deixando o novo rei Sedecias administrando uma massa falida. Essa situação provocou o aparecimento de oportunistas e aventureiros políticos sem a devida qualidade e competência para enfrentar a difícil situação. A bem da verdade, Jeremias combate esse desqualificado grupo que não conhece a história salvífica (7,1-13; 28,1-17). Todavia, a culpa do desastre ficou, tão-somente, debitada na conta de Sedecias.

B – Ao ler e interpretar Jeremias 38,14-28, fica uma suspeita de que o profeta foi um traidor que trocou a sua condição de chamado por Javé pela sua segurança pessoal. Se não bastasse isso, Jerias, um chefe da guarda e filho de Hananias, acusa Jeremias de entreguista (37,13). Diante dessas duas suspeitas, é necessário analisar três possíveis razões do profeta liderar o partido pró-Babilônia.

(1) A manutenção da produtividade da terra. Uma guerra não é boa para ninguém, muito menos para os agricultores, provavelmente, os partidários do profeta que apoiavam a facção pró-Babilônia. Daí a corajosa e realista proposta de Jeremias: “a nação que submeter o seu pescoço ao jugo do rei da Babilônia e o servir, eu a farei repousar em seu solo (...) para que o cultive e habite nele” (27,11; conforme 38,17). O profeta sabia que firmar uma aliança com o Egito, para lutar contra a Babilônia, era o mesmo que programar a devastação completa dos campos e de seus trabalhadores.

(2) A manutenção da integridade física dos exilados na Babilônia. Para Jeremias, o estabelecimento de uma aliança com o Egito para expulsar os babilônios colocaria em risco a vida dos exilados judeus. Na carta que o profeta escreve aos deportados, ele faz uma série de recomendações muito sugestivas. Segundo essa carta (29,4-9), o profeta pede que os exilados não se entreguem a uma submissão cega e irracional. Pelo contrário, a carta de Jeremias busca restabelecer a dignidade perdida, recriando a esperança, a

1. Robert P. Carroll. *Jeremiah – A Commentary*. The Old Testament Library. Philadelphia: The Westminster Press, 1986, p. 685-687.

2. William L. Holladay. *Jeremiah*. Vol. ,2. Coleção Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 290-293.

partir daquilo que é básico na tradição bíblica: “construí casas e instalai-vos” (29,5a), isto é, as casas seriam construídas para os babilônios, mas para que os exilados morassem nelas; plantai pomares e comei os seus frutos (29,5b), isto é, os frutos colhidos não se destinariam ao alimento dos dominadores, mas ao sustento do povo cativo.

(3) A manutenção da memória dos fatos fundantes da fé. Jeremias era uma pessoa comprometida com a fé javista, e como tal ele celebrava a Páscoa. Na sua memória, a história dos atos salvíficos do êxodo (2,2-7) estava viva. Diante da proposta do partido pró-Egito, Jeremias não poderia aceitá-la, pois quem celebra a Páscoa não tem simpatia e confiança nos egípcios. Se não bastasse isso, o assassinato do bom rei Josias (609 aC), por obra do faraó Neco, estava bem vivo na mente do profeta.

Tércio Machado Siqueira
Rua do Sacramento, 230
São Bernardo do Campo/SP
09735-460
tmsiqueira@uol.com.br